

AS CRIANÇAS E OS ELEMENTOS DA NATUREZA: UM OLHAR ANTROPOSÓFICO



FABIANE ELENISE DOS SANTOS PIEDADE

Graduação em Pedagogia pela Faculdade "U'ninové" - Universidade Nove de Julho (2024); Professor de Educação Infantil do Estado de São Paulo.

RESUMO

Este artigo tem o levantamento bibliográfico como metodologia saber da criança, dos seus setênios conforme traz Steiner na Pedagogia Waldorf, dos elementos presentes na natureza, das características existentes nas crianças por uma visão mais antropológica. Um olhar atento do adulto para perceber no brincar tais pontos relevantes e, assim, poder perceber detalhadamente o que as crianças fazem em contato com cada elemento presente na natureza no qual possibilita tamanho aprendizado. A criança olha, investiga, pesquisa, descobre, se atenta, cria hipóteses, (mergulha literalmente muitas vezes) no brincar, no imaginar e no seu criar (criativo). O adulto ao ter esse saber, contribui para esse momento rico e o faz ampliar tais pontos, contribuindo ainda mais para o saber descoberto e apreendido pela própria criança.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar na natureza; Elementos; Antroposofia; Criança pequena.

INTRODUÇÃO

A criança é um ser social, de direitos, vista como um sujeito modificador de si, do outro, do entorno e do mundo que o cerca. Um ser que, segundo alguns autores e estudiosos, como Leila Oliveira (2023), por exemplo, que menciona que "o olhar para o bebê e a criança bem pequena surgiu de forma bem recente", diante de muitos estudos de Winnicott, Wallon, Bowlby, Emmi Pikler, os Robertsons, Myrtha Chokler e tantos outros. Ou seja, anteriormente, por volta da década de 50, o bebê não era levado tão em consideração, até mesmo em relação à dor, por exemplo, onde eram feitas cirurgias sem anestesia pois acreditava-se que o bebê não sentia nada.

Quando a infância é vivenciada intensa e prazerosamente, boas recordações permanecem

como tesouros, sempre presentes que auxiliam na superação da diversidade da vida, estimulando a busca de dias melhores e de novas experiências. (GIMAEI;AGUIAR, 2013, p. 11)

Todo aprendizado, segundo as autoras Patrícia Gimael e Selma Aguiar (2013), necessita de “tempo e repetição”, isto é, “nunca se deve apressar a criança, pois ela necessita de tempo para amadurecer”. O cotidiano da criança deve ser “planejado com base no ritmo”. A criança deve “vivenciar e compreender o tempo, ou seja, o que vem antes, o que vem depois, o que passou, quanto tempo falta para se dar determinado acontecimento”. (GIMAEI;AGUIAR, 2013, p. 43)

Podemos pensar que é preciso

Escutar para conhecer o outro, para reconhecer sua singularidade, sua potência, seus interesses, necessidades e emoções. E poder, assim, repensar nossas atitudes e respostas com relação aos outros. Aqueles que escuta, silencia, observa, coloca-se a serviço do outro, respeitar a acolhida, abre-se para aprender, para o desconhecido, para o inesperado. está presente (FRIEDMANN, 2020, p. 134 apud BAROUKH; FONSECA, 2022, p. 100)

Nesse sentido, conforme Josca e Paula (2022, p. 101) nos explanam “escutar a criança, estar aberto às suas expressões, considerar alteridade de suas colocações, suas maneiras de chegar o mundo”, ou seja, é importante “criar um ambiente respeitoso, confortável, e que elas percebam a valorização de suas ações, o acolhimento de seus tempos e brincadeiras”.

Ainda segundo as autoras, “a escuta coloca ênfase em se deixar marcar, fala de um acolhimento dos vestígios do outro, em si. Mas ela não é um fim em si mesmo: o que engendra como resposta do lado do adulto funciona como testemunho de que houve escuta”.(BAROUKH; FONSECA, 2022, p. 101)

As crianças chegam e ocupam o ambiente. Mas como podemos trazer e correlacionar a ação dos bebês e a natureza? Como perceber os elementos da natureza nas crianças? Essas foram algumas das perguntas que contribuíram para a escrita deste artigo de cunho bibliográfico que irá reunir informações quanto aos elementos da natureza por um viés mais antropológico.

Assim o artigo tem como objetivo geral analisar o olhar antropológico acerca da criança e os elementos da natureza e como objetivos específicos teremos identificar cada um dos elementos da natureza e suas principais características, buscar maiores informações a respeito dos sentidos que estão por trás dos setênios segundo Rudolf Steiner e Aprofundar acerca da primeira infância e os primeiros sete anos de vida.

OS SETÊNIOS: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO

Segundo Rudolf Steiner (1990), a vida humana “não decorre de forma linear, mas em ciclos de aproximadamente 7 anos”. Em cada um desses ciclos, “um determinado membro da identidade humana se desenvolve de maneira mais pronunciada. a personalidade, isto, ou eu vive então principalmente nesse membro”. (STEINER, 1990, p. 32)

Segundo o autor, ao nascer, “o homem evidentemente já possui os quatro membros (corpo físico, etérico, astral e o eu) do contrário, não seriam humanos. mas na realidade”. O que real-

mente nasceu para o autor foi apenas “o corpo físico - cortou o laço que unia ao corpo materno, ou seja, o cordão umbilical”. (STEINER, 1990, p. 32)

O corpo etérico ainda não está individualizado da mesma forma. ele ainda tem ligação com as forças entéricas universais. E durante sete anos permanece envolvido num processo de amadurecimento, durante o qual plasma intensamente o corpo físico. Ao término desses 7 anos, o corpo etérico é liberado de suas amarras, nasce e torna-se autônomo, podendo a partir desse momento dedicar-se a novas tarefas (sem deixar de exercer a sua função principal, que é de manter organismo com vida). Esse término do seu trabalho plasmador sobre o corpo físico manifesta-se exteriormente pela expulsão dos dentes de leite e pela formação da dentição definitiva. Nesse momento, sete anos de idade é naturalmente aproximado. O nascimento do corpo etérico, novas forças (memória e raciocínio) estão disponíveis para as novas funções: a criança entra na fase da maturidade escolar.(STEINER, 1990, p. 32)

Assim, conforme Steiner menciona em suas pesquisas

Quando observamos o desenvolvimento físico da criança, vemos que ela cresce da cabeça para baixo: o embrião tem uma cabeça sobressalente, fazendo o que o resto do corpo se pareça como um apêndice. Ao nascer, a cabeça, bem formada, representa ainda um quarto do comprimento total do corpo. depois, forças endurecedoras e plasmadoras, que partem da cabeça, descem, dando ao resto do corpo a forma e consistência. a própria cabeça, porém, não cresce na mesma proporção.

De maneira geral, o desenvolvimento sucessivo dos quatro membros do ser humano corresponde aquilo que pedagogos do passado chamam de processo de amadurecimento. Esse se realiza de forma endógena, como algo orgânico. A ele corresponde o contato com o mundo e o aprender. Parece evidentemente que cada fase do amadurecimento deve corresponder a uma forma apropriada do contato com o mundo. em outras palavras, a transformação do ser humano deve corresponder uma transformação das influências exteriores, e estas devem realmente alcançar o ser humano em sua disposição interna adequada. (STEINER, 1990, pp. 33-34)

O PRIMEIRO SETÊNIO: INFÂNCIA

Para Steiner (1990, p. 34) o nascimento significa “a união definitiva entre os elementos corpóreo e anímico espiritual do novo indivíduo”. Até esse momento, “seres espirituais das hierarquias superiores estavam atuando diretamente sobre germe anime com espiritual, enquanto o corpo físico era preparado dentro do envoltório protetor da mãe, cujas forças etéricas tinham sobre ela uma atuação mais direta e importante do que o corpo etérico no próprio embrião”. Embora o recém-nascido tenha uma “certa autonomia, continua premiado por influências dos Mundos espirituais, e toda a educação dos primeiros anos deve dever ser uma continuação e nem está substituindo essas”. (STEINER, 1990, p. 34)

Durante os primeiros 7 anos de vida, “o corpo, e o espírito formam na criança uma unidade”. Isto é, o corpo etérico “constitui nessa fase o elemento mais importante. tudo, na criança pequena, está relacionado com o organismo, com as forças plasmadoras do corpo etérico; o corpo astral e o eu existem, praticamente, em função deste”.(STEINER, 1990, p. 34)

Assim, como coloca Steiner (1990, p. 35) inconscientemente, a criança “imita o que parece o que percebe ao seu redor. Seu comportamento, seu modo de falar, suas maneiras à mesa, seus gestos, serão a cópia dos modelos ao seu redor”. Para o autor, um pouco mais tarde, “a imitação se tornará mais consciente para a criança, ou seja, a criança imitará o adulto em seus fazeres diários, brincará com seus colegas, de vendedor, médico ou de família, no impulso Irresistível de

imitar”. O seu pequeno mundo “baseia-se na identificação, ela é o vendedor, o médico, o animal”. (STEINER, 1990, p. 35)

O que toda criança deveria ter em primeiro lugar é um ambiente cheio de carinho e de amor! Assim como o leite materno protege o recém-nascido contra substancialidade do mundo, a figura da mãe (não necessariamente a mãe física) protege-o contra a frieza do ambiente, dando-lhe calor e aconchego. Por demais conhecidos e cientificamente investigados os casos de crianças que vivem em situações em que tudo é perfeito, mas onde falta o calor humano: elas não só apresentam traumas e defeitos psíquicos, mas até sua resistência à doença é fortemente de diminuída; todo seu desenvolvimento físico e mental acha se consideravelmente atrasado. (STEINER, 1990, p. 36)

Seguindo esse pensamento, o autor também coloca pontos a se pensar acerca da vontade onde ressalta que “fluxo da vontade, de dentro para fora, não é menos imediato e direto do que aquele das impressões, de fora para dentro. sem barreira nem inibição”, ou seja, a criança “exterioriza o que se passa dentro dela: seus gestos, sua mímica, a passagem instantânea do choro ao riso e vice-versa, o prazer de correr, de subir nas árvores, de escorregar e etc.”. Onde tudo isso demonstra “força Irresistível de impulsos motores descontrolados que merecem o nome de “vontade”. Embora inconsciente, “a criança pequena é um ser em que prepondera à vontade”. (STEINER, 1990, p. 37)

Portanto toda “vontade conduz a movimentos”. Vemos, pois, “a criança pequena conquistar o espaço. Ela se ergue, anda, equilibra-se, aprende a usar seu corpo, pulando, correndo, engatinhando, subindo em cadeiras, mesas, árvores”; em uma palavra, “ela treina incansavelmente o seu sistema motor. pertencem a esse fenômeno os primeiros desenhos infantis, rabiscos retos ou circulares”. Assim, sempre com uma “atenção artística, mas sim oriundos exclusivamente da motricidade da mão em que convergem a vontade contida no corpo inteiro”. (STEINER, 1990, p. 37)

A CRIANÇA E OS ELEMENTOS DA NATUREZA

O pensar, ligado à observação sensorial e ao conhecimento em geral, pressupõe um certo recuo do indivíduo em relação ao objeto. a representação mental e o conceito exigem distanciamento. (STEINER, 1990, p. 78)

Segundo Gandhi Piorski (2021) A natureza é um lugar de muito aprendizado, equilíbrio, eixo, harmonização, princípios éticos, fundamentos filosóficos de categorias ligadas ao mundo natural. ou seja, estar, relacionar e ser equivale a natureza.

O autor comenta sobre “desenvolver uma forma de estar na natureza onde se descobre a natureza pelo outro, o comportamento, o se surpreender, seu modo de estar, de compreender e abrir o caminho para as crianças”. Isto é, criar um “caminho de abertura em relação. É importante saber como se pensa, como se cria, e a estética”.

O autor complementa dizendo que é preciso trazer algo mais significativo, construir uma forma diferente de ver o mundo. Deixar a criança imaginar e pela imaginação criar uma satisfação conectiva de significados.

O nosso corpo é natureza, trazer a natureza é importante adequando não se tem e trazer

para os ambientes. Para Gandhi é preciso criar condições de espaço e tempo. Uma vez que a intensidade dos gestos das crianças tem relação com os elementos seja na emoção, sentimento e sonho.

O estudo dos quatro elementos da natureza segundo o autor é algo antigo é a base do pensamento ocidental uma ideia de renascimento do mundo, a base da reflexão humana, base para ler a estrutura humana, ou seja, estão dentro de nós próprios.

Gaston Bachelard nos traz que “os quatro elementos habitam a nossa subjetividade, nossas percepções, pensamentos, Corpo e Alma. E que são experiências produzimos a linguagem, o pensamento estético por dentro das vias dessas quatro forças”.

Os quatro elementos são forças curadoras, um vir a ser e avaliar nossas possibilidades, o pensar, expressar e o essencial. As crianças manifestam o melhor de sua imagem interna como se fosse uma co-criação, evocando os fundamentos de sua memória biológica e espiritual. Criando, cuidando de si, organizando e segmentando a si próprio a sua autonomia.

A ÁGUA

Um elemento mais próximo a dinâmica da Imaginação. As emoções nascem no corpo. A punção de uma imaginação criadora leva a pessoa a natureza anímica do pensamento como se fossem imagens líquidas.

Conforme Gandhi vem nos trazendo, a dinâmica do elemento água gera “dinâmicas libertadoras destravando os processos na criança leva uma soltura uma construção completa de relação com o meio ensina as crianças a cuidarem da mente é um construto. são trabalhado a atenção e onde o EU está”.

Thales De Mileto, o pai da filosofia ocidental diz que “tudo vem da água, mas a substâncias, a vida”. Para ele, a natureza da vida tem um forte aspecto líquido. Assim a água é pura e contínua e a sua transformação encantadora.

A criança com a natureza mais líquida adquire a personalidade de outras crianças muito mais rápido, uma personalidade mais difusa, se confundem até adquirindo o traço de personalidades mais fortes tendo uma tendência a se perder na sua própria personalidade e uma dificuldade de construir uma individualidade que a caracterize

A água é essencial tem um a sua subjetividade inconsciente o movimento líquido das emoções como se fossem ondas aprender a natureza das emoções é como aprender a navegar, com bússolas e o movimento das estrelas

Assim, a água é totalmente disponível a modulação dos seres geradores de vida, é o elemento do conhecimento da renovação contínua é um elemento de continuidade e se renova interligando os canais. A água das emoções transformadora pelas forças plasmadoras produtora de sucos nas entranhas da terra, a alma da terra, portanto as crianças são seres navais, complementa

o Piorski em seu dizer.

O FOGO

O fogo é um elemento mais etérico é um impulsionador de nascimento das coisas, uma ignição uma explosão dinâmica, o impulso ígneo ele se expande arrastando uma energia para o universo.

Conforme aponta Gandhi o fogo é um “movimento amoroso apaixonado abrasador na gestação humana significa o nascimento noção do eu sou uma ruptura e uma separação”.

Na criança, pode ser visto com a vontade, a persistência, o olhar fixo naquilo que ele deseja, um olhar desejoso de expressão, de vontade, o seu querer é muito forte e se posicionam e enfrentam.

Assim, o fogo é associado a natureza de sabedoria a energia matriz para transformar e conclusivo, ou seja, uma memória vital, um encantamento da memória.

O AR

O que está por trás daquilo que não é dito e compõe a função do deslocamento e deslocamento. O ar é uma força importante, a criança consegue se levar a um estado de fuga de contemplação, como se fosse uma rota de fuga interna. Como elemento da luz interna, o portador da leitura de mundo do diálogo com a vida, do conhecimento do trânsito das relações, muito veloz e fugaz.

Experiência corpo ancoramento vivencial, são características do elemento ar. A criança com o um elemento ar tem, segundo Piorski, “a comunicação e a solução das brincadeiras”. Com pontos de característica temos “a imaginação, a criação e contemplam para admirar, conhecer, entender, cuidar e se transformar, ou seja, uma humanização do sujeito”.

A TERRA

É o elemento mais conhecido, segundo Gandhi Piorski, é um elemento mais espacial para a manifestação externa e da origem da expressão interna, da luz do visível, do relacional aspecto interativo, um elo movimentação dinâmica interligando a origem que é o elemento ar e a origem como espírito, uma abertura da vida.

Concreto e palpável o espírito (fogo etérico da vida) impulsiona o início, isto é, mais denso, corpóreo, fixo, formal e contém as formas de vida, esse é o elemento terra.

Para Gandhi, a terra é a base, a entrada da criança no mundo, é o elemento terra que ampara a criança no mundo quando ela sai das águas uterinas. Do fogo etérico até a terra densa.

O elemento terra é a soltura, a entrada, o mundo que se apresenta para criança com toda a sua força, ou seja, o mundo se impõe como expressão. Como um lugar onde as coisas se tocam, as coisas se “direcionam a mim, me tocam para que eu crie um senso do EU próprio, meu senso de individualidade”, é o contato com os outros e com os demais elementos.

Duas características são importantes “tempo e espaço” que são uma composição de outras formas, como árvores, estrelas, águas etc. É nessa relação com o espaço que “eu me percebo nela”, mas não só com isso, o tempo é fundamental.

O tempo e espaço juntos dão ideia de tempo e são os elementos do espaço que nos colocam esse termo, essa forma de perceber como por exemplo, o sol nasce e se põe; a lua nasce, tem suas faces e diversos movimentos.

Além da passagem das coisas, como as plantas e os animais, um movimento dos corpos no espaço traz a ideia de tempo. A consciência se relacionando com a forma de criar o tempo e o espaço, assim, uma propriocepção, que é uma ideia de que desde a fecundação já existe uma imagem do corpo no embrião, filamentos neuronais que vão se desenvolvendo, que é herdada dos pais uma imagem neurológica do corpo. Uma sensação tátil, segundo Gandhi, onde neurologicamente o mundo já existe.

Diálogo com o tempo e espaço confere memória no corpo da criança, conversam e se encontram para se fundir. Alimentar o imaginário da criança no ideário do corpo e da corporeidade, relação do corpo, o elemento talâmico, com os corpos da vida e dinamismo destes corpos no espaço, nascendo aí a ideia do tempo.

Conforme coloca Gandhi isso determina a ideia de/na construção da individualidade da criança, que um ser mais sensível do que imaginamos e mais impactante do que supomos, o elemento terra tem mais potência e mais possibilidades pedagógicas. Ele traz como característica uma vida formal, uma estrutura e corpos. É uma entrega vivenciada, um elemento para subjetividade da criança, para a construção neurológica da criança, de propriocepção e uma construção mais bem feita, com o senso de sua individualidade, com o tempo e o espaço.

Portanto, a Terra é o enraizamento da criança no mundo do viver e o espaço, são os outros elementos: o ar, o fogo e água onde são outras naturezas a se oferecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tivemos contato com alguns pontos fundamentais para o saber da criança, dos seus primeiros sete anos, dos elementos da natureza, das características presente nas crianças por uma visão mais antropológica.

O autor Gandhi Piorski (2016, p. 10) nos diz que “o contato com Materialidade advinda da natureza são as ferramentas essenciais para esse mergulho nos sentidos”, ou seja, ao nos confienciar a “materialidade dos elementos, a gestualidade do corpo da criança e suas narrativas, vamos nos reconhecendo nos meandros da memória” que, por pouco, não se “perdeu no torvelinho

das mesmices adultas da seriedade”. (PIORSKI, 2016, p. 15)

Segundo o autor

As lições da terra guiam a alma combatente, guerreira, lunar, sonhadora, solitária e gregária da criança (tudo no mesmo corpo, mas não necessariamente ao mesmo tempo, pois nela privilegia a alternância sábia dos ciclos). [...] As crianças são antífonas pequenas que respondem ao canto do chão quase não boca a boca. Aqui, a mão obreira se mescla com um olhar contemplativo até que seus inversos se complementam no verso poético: o olho faz e a mão contempla. ambos num corpo brincante apaixonado e apaixonante que, se o destino for benevolente, nos deixará o privilégio de ser humor de novo e esterco as nossas próprias custas. (PIORSKI, 2016, pp. 16-17)

No que se refere aos quatro elementos, Gandhi (2016, p. 19) coloca que estes “habitam a imaginação” e de certa forma podem ser vistos como “códigos de expressão da vida imaginária”. E acrescenta aspectos importantes sobre “o imaginar” em cada elemento, sendo:

Imaginar pelo fogo é criar imagens e narrativas quentes, calóricas, agitadas, guerreiras, apaixonadas, acolhedoras e amorosas. Imaginar pela água faz viciar uma corporeidade fluida, entregue, emocional, saudosa e até melancólica, cheia de sentimentos, lacrimosa pela alegria ou pela saudade. Imaginar pelo ar é construir uma materialidade das levezas, da suspensão, dos voos, fazer brinquedos expansivos, com coisas leves, penas, setas, sublimação do brincar. Imaginar pela terra é fazer coisinhas enraizadas no mundo, na vida social, no interior das formas, buracos, miniaturas, esconderijos, numa busca pela estrutura da natureza. (PIORSKI, 2016, pp. 19-20)

Assim, segundo o autor, “a materialidade do brincar (água, terra, fogo e ar) abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar”. Para ele, “as matérias da brincadeira alcançam os sentidos da criança como um arco, as cordas do violino”. Além de produzir um efeito nesse encontro, ou seja, um “riquíssimo espectro de impressões e sentidos”. Coloca ainda que faz trabalhar “a imaginação Vital”. Isto é “a imaginação que estabelece vínculo entre a criança e a natureza e tem capacidades específicas de maior plasticidade: é transformadora e regeneradora”. (PIORSKI, 2016, p. 19)

REFERÊNCIAS

BAROUKH, J. A.; FONSECA, P. **Venha conhecer o mundo: subjetividade e experiência na educação infantil**. 1.ed. São Paulo: Panda Books, 2022.

GIMAE, P.; AGUIAR, S. **Infância vivenciada**. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

STEINER, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 5.ed. São Paulo: Antroposófica, 1990.

PIORSKI, Gandhi. **AWA Educação e Cultura**, 2021. Curso: A criança e os quatro elementos. Consulta em 15 de agosto de 2024.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos de chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016